

**TESTEMUNHOS E NARRATIVAS SOBRE A MEMÓRIA INDÍGENA NO  
ESTADO DO RIO DE JANEIRO: RESSIGNIFICAÇÕES E PRODUÇÃO DE  
NOVAS FONTES DE PESQUISA**

**Renata de Almeida Oliveira**  
Mestranda em Memória Social/PPGMS/UNIRIO; bolsista REUNI  
[renatinhaunirio@gmail.com](mailto:renatinhaunirio@gmail.com)

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Regina Abreu**  
PPGMS/UNIRIO  
[abreuregin@gmail.com](mailto:abreuregin@gmail.com)

**Resumo:**

Um fenômeno recente de ressignificação e valorização da memória indígena no Estado do Rio de Janeiro pode ser observado a partir de pesquisa sobre movimentos locais pela preservação de sambaquis e pela criação/reestruturação de museus arqueológicos e históricos com ênfase na construção de etnicidade. São exemplos emblemáticos o “Museu de Arqueologia” situado em Araruama; o “Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba”, em Rio das Ostras; e o Solar do Colégio, em Campos. A presente comunicação integra meu projeto de dissertação orientada pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Regina Abreu e visa apresentar reflexões a partir dos relatos gravados em vídeo-digital com os “narradores interessados” destes movimentos, deixando entrever as relações destes com a produção e a valorização de histórias locais e regionais, verificando-se ainda uma busca de singularização das cidades/espacos. A utilização do audiovisual possibilitou a construção de novas fontes de pesquisa trazendo novas e instigantes questões.

**Palavras-chave:** ressignificação; memória indígena; museus arqueológicos

**Abstract:**

A recent phenomenon of reinterpretation and appreciation of Indian memory in the State of Rio de Janeiro can be observed from research on local actions for the preservation of shell-middens and for the creation/restructuring of archeological and historical museums emphasizing ethnicity construction. Some emblematic examples are the Archeology Museum, located in Araruama; the Tarioba Shellmound Archeology Museum, in Rio das Ostras; and the School Manor House, in Campos. This communication is part of my thesis led by Prof<sup>ª</sup>. Dra. Regina Abreu and aims to present thoughts from the reports recorded on digital video with “concerned narrators” of these actions, showing their relationships with the production and appreciation of local and regional stories, also affording a search for uniqueness of these cities/places. The use of audiovisual devices enabled the construction of new sources of research and brought up new and exciting issues.

**Key-words:** reinterpretation; Indian memory; archeological museums

**TESTEMUNHOS E NARRATIVAS SOBRE A MEMÓRIA INDÍGENA NO  
ESTADO DO RIO DE JANEIRO: RESSIGNIFICAÇÕES E PRODUÇÃO DE  
NOVAS FONTES DE PESQUISA**

**Renata de Almeida Oliveira**

**Mestranda em Memória Social/PPGMS/UNIRIO; bolsista REUNI)**

**[renatinhaunirio@gmail.com](mailto:renatinhaunirio@gmail.com)**

**Prof.<sup>a</sup>. Regina Abreu**

**(PPGMS/UNIRIO)**

**[abreuregin@gmail.com](mailto:abreuregin@gmail.com)**

**Introdução**

Este trabalho foi desenvolvido a partir de resultados obtidos através de pesquisa de campo, ainda em andamento, de minha dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). O tema desta dissertação foi idealizado a partir de minha participação como pesquisadora no projeto “Memória, Cultura, Transformação Social e Desenvolvimento: Panorama Museal do Estado do Rio de Janeiro”, desenvolvido pelo PPGMS em parceria com o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

Ao percorrer algumas regiões do Estado do Rio de Janeiro constatamos um fenômeno de valorização da memória indígena em algumas Instituições Museais, atribuindo novos significados e perspectivas para histórias e memórias que por muito tempo estiveram esquecidas pela população fluminense. São museus arqueológicos e históricos onde a presença indígena no Estado é enfatizada, movimentos pela preservação de sambaquis ou mesmo a ressignificação de antigos museus e centros culturais. Sendo assim, este trabalho pretende refletir acerca de três experiências que se inserem nesta nova perspectiva como um sintoma contemporâneo: o “Museu de Arqueologia” situado em Araruama; o “Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba”, em Rio das Ostras; e o “Solar do Colégio”, em Campos. A partir destes casos

procuramos indagar algumas das razões que impulsionam este fenômeno associando-o a uma possível busca de novas atribuições e qualificações para o contexto “fluminense” que significam uma re-leitura do passado e novos elementos nas disputas pela memória.

Tais instituições trazem para o cenário oficial da história do país uma memória subterrânea inaugurando um movimento de valorização da memória e da história dos povos indígenas, onde pesquisadores de diferenciadas áreas das ciências humanas e, até mesmo grupos indígenas, se mobilizam para criar espaços que remetem, valorizam e preservam histórias, memórias, culturas e saberes. É seguindo esta idéia que os historiadores Alexandre Oliveira Gomes<sup>1</sup> e João Paulo Vieira Neto<sup>2</sup> percebem “a história enquanto campo de disputa” e atentam o fazer historiográfico “para a diversidade de memórias em constante embate e construção” afirmando que “a atuação de sujeitos outrora marginalizados e as possibilidades de (re)escrita da história, possibilita aos museus tornarem-se lugares privilegiados, no conjunto de lutas providas da organização dos povos indígenas contemporâneos”. (GOMES e NETO, 2009: 367)

Meus primeiros passos na pesquisa de campo foram realizados em conjunto com as viagens pelo Rio de Janeiro proporcionadas pelo projeto “Panorama Museal”. Tal projeto, objetiva fazer a difusão desta pesquisa através de três instrumentos específicos: um guia analítico; um site contendo todo o material adquirido que estará articulado ao site do Sistema Brasileiro de Museus e uma coletânea de DVDs. Deste modo, durante minhas primeiras pesquisas de campo, uma equipe audiovisual registrou todas as entrevistas e detalhes dos museus visitados, o que motivou a proposta de apresentação desta comunicação, atribuindo um novo significado ao uso da tecnologia, construindo novas fontes de pesquisa e trazendo novas e instigantes questões.

Foi assim que registramos os percursos que nos levaram a perceber a valorização e ressignificação da memória e da história indígena no estado: filmando, fotografando, observando, “flanando” e descobrindo personagens, que podem ser pessoas, ruas, estradas e, sobretudo, museus, nossos personagens principais, grandes narradores das cidades. Segundo Janice Caiafa (2007, p.135), “A etnografia é ao mesmo tempo um tipo

<sup>1</sup> Pesquisador do Museu do Ceará, técnico do Sistema Estadual de Museus do Ceará (SEM/CE) e integrante do Projeto Historiando.

<sup>2</sup> Bolsista do programa de Especialização em Patrimônio PEP/IPHAN/UNESCO, Acessor do Instituto de Memória do Povo cearense (IMOPEC), integrante do Projeto Historiando.

de investigação e um gênero de escritura que se desenvolveu na tradição antropológica. Mas ela surge de fato com outras tradições e experiências, sobretudo os relatos de viagem”.

Dessa forma foi necessário decidir uma metodologia a ser seguida para a realização do projeto. Foi assim que iniciamos uma “etnografia dos percursos” pelo estado “onde vivenciamos a experiência do viajante que percorre uma região, buscando exercitar um olhar que estranha, que inquire, que indaga, que procura novos ângulos, novas perspectivas, novas faces de paisagens já vistas e consagradas”. (ABREU, mimeo). A etnografia é a pesquisa, no sentido de que é a partir do campo, dos agenciamentos<sup>3</sup> que o campo proporciona, que o trabalho vai tomar corpo.

Esses museus a serem pesquisados nesse projeto, se inserem em múltiplas relações em espaços e tempos diferentes, fazendo parte da própria história da região. São múltiplas as possibilidades de análise, foco e sentidos a serem atribuídos a essas instituições, que não estão congeladas em blocos de concreto, e, são na verdade, estruturas dinâmicas, tornando-se “*signos de múltiplas narrativas sobre si mesmos e sobre o espaço onde se inserem*”. (ABREU, mimeo)

### **Encontros na cidade**

A idéia deste trabalho não é descobrir um informante em cada museu, perguntar as mesmas perguntas, buscar cenários e histórias semelhantes, seguir caminhos que criem uma unidade, mas sim, descobrir narradores, moradores da região, funcionários dos museus que em diversos casos são os próprios moradores, que muitas vezes são pessoas que criam os museus na esfera privada objetivando preservar a memória local. São verdadeiros guardiões da memória. Deste modo,

---

<sup>3</sup> “Os agenciamentos são datados, transitórios e sempre em relação com um limiar que, atingido, promove uma virada, uma mudança. Deleuze (1977:84) escreve que a única unidade do agenciamento é o “co-funcionamento”, que ele também chama de “simpatia”. Na linguagem e na vida estamos sempre nesse regime de conexão, de falar “com”, agir “com”, escrever “com”. A *simpatia* para Deleuze (1977:66) é essa composição de corpos (físicos, psíquicos, sociais, verbais etc.), essa “penetração de corpos”, essa afecção nos agenciamentos, e não “um vago sentimento de estima”. Pode envolver amor ou ódio, ela é o modo de conexão nos agenciamentos, o “co-funcionamento”.” (CAIAFA, 2007, p. 152)

“na pesquisa etnográfica, a participação do etnógrafo naquilo que investiga produz conhecimento, faz avançar a investigação. Trata-se de um problema muito fértil e que coloca outros também interessantes, como o da relação que o observador-participante estabelecerá com as pessoas que encontra no campo. Estes são chamados “informantes” na tradição antropológica – um tanto inadequadamente, já que tal expressão, ao mesmo tempo que traz uma ressonância policial, dá a entender que aquilo que o etnógrafo coleta é apenas informação.” (CAIAFA, 2007, p.137)

A relação estabelecida no campo entre o observador-participante e o narrador, então, é diferente da relação com o informante. Neste caso, o intuito não é de simplesmente coletar informações, e sim, intercambiar experiências, afinal, “a experiência que passa de pessoas a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 1993, p.198)

“A narrativa, na condição de modalidade específica de comunicação humana, floresce num contexto marcado pelas relações pessoais. O narrador é alguém que retoma o passado no presente na forma de memória; ou que aproxima uma experiência situada num ponto longínquo do espaço. A narrativa sempre remete a uma distância no tempo ou no espaço. Essa distância é mediada pela experiência pessoal do narrador. Para Benjamin, os grandes modelos de narradores eram o velho artesão que conhecia as tradições de sua aldeia, e o marinheiro, que narrava suas experiências, adquiridas em viagens”. (GONÇALVES, 2009, p.172)

Desse modo, podemos atribuir à imagem do velho artesão, o papel dos narradores que encontramos no caminho, e nós, historiadores e etnógrafos, somos os marinheiros, que narram as experiências adquiridas durante suas viagens. Em muitos museus encontramos a imagem do velho artesão Benjaminiano, pessoas que conhecem a história da cidade profundamente e a transformam em suas memórias pessoais, pois fizeram parte da construção da identidade local, ou de alguma forma, consideram importante preservar tais memórias e histórias.

Neste trabalho, destaco três narradores que considero fundamentais para a (re)escrita dessa história indígena no estado e a valorização de tais memórias. Tais narradores são as pessoas que nos conduziram pelos museus e pelas cidades, nos apresentando suas histórias, que, muitas vezes, guardam a memória dos lugares. São eles: Jorge Pinheiro (Coordenador de eventos do Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba), Simone Beraba Cordeiro (Diretora do Museu de Arqueologia de Araruama) e Carlos Roberto Freitas (Diretor do Arquivo Público de Campos/Solar do Colégio).

Tais narradores foram fundamentais para o desenvolvimento do projeto, pois são pessoas que, além de serem pesquisadores da história das instituições que trabalham e da história de suas cidades, são eles próprios parte do contexto social, podendo ser considerados “guardiões da memória local”. É certo que devemos levar em consideração que a partir do momento em que essas pessoas concedem seus depoimentos diante de filmadoras e máquinas fotográficas que registram cada palavra e cada expressão, a seleção do que por elas será dito é inevitável e, na maioria das vezes, perceptível aos olhos de quem está presente, mas, disfarçado quando é feita uma edição e aqueles depoimentos são transformados em imagens de documentários, filmes, citações de textos, artigos etc.

### **Os narradores e seus museus: o que eles têm a dizer?**

Tanto o Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba quanto o museu de Arqueologia de Araruama estão situados em municípios que fazem parte da região chamada Costa do Sol. Esta região e, sobretudo esses museus, apresentam fortemente a característica de valorização da memória indígena exposta neste trabalho. Os dois narradores da região deixam evidente essa tendência. Já o narrador do Solar do Colégio, além de ser um guardião da memória da cidade de Campos, movendo as ações do Solar do Colégio que é também o Arquivo Público da Cidade, narra não apenas a história da região norte fluminense, mas de todo o processo de povoamento do litoral, sobretudo os fatos e movimentos em torno da ligação entre as duas regiões citadas que se iniciava em Cabo Frio chegando a Macaé.

Vamos iniciar esta parte com o relato concedido pelo então Coordenador de eventos da Fundação Rio das Ostras de Cultura, sediada na Casa de Cultura Dr. Bento Costa Jr., mesmo endereço do Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba, Jorge Pinheiro. Durante a visita, percebemos a preocupação do nosso narrador em explicar detalhes da história da Casa de Cultura, da região e do Museu, ratificando sua fala citando livros publicados por pesquisadores que se dedicaram a estudar a história da região, tais como Maria da Glória d'Almeida Lima, que escreveu o livro “Pérola entre o Rio e o Mar: História de Rio das Ostras”, onde a autora destaca a presença de Rio das Ostras no contexto da História do Brasil; Eduardo Fonseca Jr., que escreveu o livro “Sambaquis e Quilombos no Litoral Fluminense”, onde o autor descreve os povos que viveram no litoral, sua participação na história da região, sua língua entre outros aspectos sociais e culturais; e, finalmente, a autora Denise Chamum Trindade que escreveu o livro “Arqueologia e Memória: O caso da Musealização do Sambaqui da Tarioba”, publicação de sua monografia de conclusão da graduação em Museologia, a autora acompanhou o processo de investigação dos vestígios encontrados nos fundos da Casa de Cultura e descreveu a história do processo de musealização do Sambaqui, bem como, um breve relato acerca da arqueologia fluminense.<sup>4</sup>

A Fundação Rio das Ostras de Cultura foi criada em 1994 depois que o município se emancipou da cidade de Casimiro de Abreu em 1992. A sede da Fundação passou a ser nesta casa que foi adquirida pela Prefeitura devido a localização privilegiada, em frente a Praça São Pedro, uma das mais importantes da cidade. É importante ressaltar que o museu está em processo de tombamento pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). A Casa que abriga a Fundação faz parte da história da própria cidade. Construída no século XIX por escravos, passou a ser residência em 1940 do Dr. Bento Costa Jr., que hoje dá nome à casa de Cultura. Durante a visita guiada por Jorge Pinheiro, é possível a construção da imagem heróica concedida ao Dr. Bento Costa Jr. por ter sido membro da tropa de saúde enviada em 1918 à I Guerra Mundial, quando milhares de pessoas eram mortas pelo vírus da Gripe Espanhola no mundo. O médico era segundo tenente do corpo de saúde do exército brasileiro e nessa condição de médico e cientista ele também dirigiu o antigo centro de

---

<sup>4</sup> Todo o conteúdo relatado aqui foi escrito com referência ao que foi narrado por Jorge Pinheiro, Coordenador de Eventos da Fundação Rio das Ostras de Cultura.

estudos dos médicos do Banco do Brasil. Na Casa de Cultura existe uma sala com objetos os quais pertenceram a ele, entre reportagens de jornais que o exaltam perante a sociedade local e alguns de seus documentos pessoais.

É importante ressaltar que a casa de Cultura é detentora de múltiplas identidades. É sede da Fundação Rio das Ostras de Cultura, uma autarquia da Prefeitura Municipal de Rio das Ostras. Nesta casa, é realizada uma visita guiada, como explicado acima, onde a história da casa e do proprietário da casa se confundem e se inserem na história da cidade e, até mesmo do país. Além disso, é possível perceber a preocupação social da Casa de Cultura, que oferece diversos cursos e palestras para a comunidade, inclusive explicando o que é o museu de sambaqui, o que é arqueologia e qual a sua importância, já que a casa abriga um museu desse tipo. Além disso, é válido destacar que os trabalhos produzidos pelos alunos que frequentam os cursos oferecidos na instituição são valorizados e alguns deles ganham destaque nas exposições organizadas nos cômodos da casa. Em uma das salas, em meio a objetos e móveis que pertenceram ao antigo proprietário, estão expostos quadros pintados por uma ex-aluna de um dos cursos chamada Zuleide Fassanha. Ela retratou sete matriarcas de importantes famílias da cidade, não necessariamente por serem famílias “ricas”, mas, por sua importância na história da região.

Após conhecer um pouco a história da cidade e da Casa de Cultura, é hora de conhecer o Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba. O primeiro fato relatado pelo nosso narrador refere-se a uma importante característica do museu: ser o único museu “in situ” do Brasil.<sup>5</sup> O Sítio Arqueológico foi descoberto ocasionalmente durante as escavações para a construção de um palco e os camarins de um Teatro ao ar livre nos fundos da Casa de Cultura, que era uma necessidade da cidade na época. Pinheiro diz

---

<sup>5</sup> Essa característica é narrada por Jorge Pinheiro e outros funcionários do museu durante visita guiada e ratifica pelo livro da museóloga Denise Chamum, no entanto, sabemos que no Brasil, existem outros movimentos de Museus “in situ”, como é o caso do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville que desde 1990, quando a Lei Orgânica do Município delegou a esta Instituição a responsabilidade de assumir mais efetivamente a responsabilidade de desenvolver Projetos e atividades institucionais como inspeções periódicas, adoções de sítios e acompanhamento de licenciamentos ambientais, entre outros. Outro exemplo é o Museu Vivo do São Bento localizado no município de Duque de Caxias, Estado do Rio de Janeiro, onde foi descoberto um sambaqui que foi invadido pela população local que fizeram construções, pondo em risco a memória e a história dos povos sambaquianos que habitaram a região. Os professores responsáveis pelo museu vivem intensamente em um movimento social de luta pela preservação das memórias e histórias locais.

que segundo Odemar Dias Jr., presidente do Instituto de Arqueologia Brasileira<sup>6</sup>, esse sítio foi catalogado em 1967, mas não foram feitos investimentos em escavações até a criação da Casa de Cultura, pois o Dr. Bento Costa Jr., antigo proprietário da casa não permitiu.

Apesar de ser um Sítio Arqueológico onde viviam povos sambaquianos, está exposta na entrada do espaço do museu urna funerária da tradição tupi-guarani e Jorge Pinheiro explica que esta era utilizada para os sepultamentos realizados pelos índios Goitacá que faziam da seguinte maneira: colocavam o corpo em uma cova rasa, enrolado em folha de bananeira e deixava-o por um período até que os tecidos pudessem se decompor completamente restando somente a ossada que era retirada e colocada em uma urna. Pinheiro explica ainda que havia uma diferença cultural no Sepultamento do homem pré-histórico<sup>7</sup> e esses índios: segundo alguns autores, as duas etnias se confrontam em meados do século II e segundo Eduardo Fonseca Júnior e Denise Chamum, o índio prevaleceu pois conhecia o arco e a flecha. O homem que habitava o local onde hoje está situado o museu é um homem pré-histórico. Foram encontradas 21 ossadas das quais 4 estão expostas sendo uma delas de um homem velho (a expectativa de vida da época era de aproximadamente 50 anos).

Na área das escavações pudemos observar que os arqueólogos dividiram o local em quadrantes cavando o centro destes, analisando e aumentando o perímetro do espaço a ser explorado dependendo do material que for encontrado. Deixaram alguns quadrantes mais altos para destacar o tamanho das cascas de Ostras encontradas no local que são muito grandes. A divisão foi feita em cinco camadas estratigráficas e a areia encontrada no fundo é parecida com a areia da praia. A argila encontrada foi trazida de outros lugares pelos sambaquianos que habitavam a região.

Ao mostrar o primeiro crânio exposto no sambaqui, explica que de acordo com as características analisadas, é o enterramento de um homem idoso. Tal crânio estava alinhado ao restante do corpo, no entanto, ocorreu um deslizamento de terra no local, uma sedimentação, fazendo com que se separassem, e, por se tratar de um museu “in

---

<sup>6</sup> Esta Instituição foi muito importante no processo de reconhecimento, estudo e escavações do Sambaqui.

<sup>7</sup> Retrato no museu.

situ”, os arqueólogos responsáveis preferiram manter os “objetos”<sup>8</sup> como estavam, criando uma espécie de “aquário”.

As pessoas eram enterradas com seus pertences e a posição do corpo era de acordo com a posição do sol não havendo como saber até o momento se esse ato possui alguma motivação religiosa, já que não foram encontradas escrituras nem outra forma de comunicação. No entanto, os pesquisadores perceberam que os indivíduos encontrados ali não possuem cáries nos dentes e justificam com a alimentação baseada em cascas de ostras que possuem muito cálcio. Outra suposição com relação ao cálcio contido nas cascas de ostras refere-se ao sedimento do mangue que talvez tenha provocado uma reação química: o cálcio das ostras se transforma em calcário que é o principal componente químico do cimento e que pode promover uma pavimentação natural.

Foi constatado pelos arqueólogos que trabalham e estudam os vestígios desse sambaqui que o povo que ali vivia não possuía uma cultura de cemitério, pois os corpos eram enterrados no mesmo local onde os indivíduos viviam. Mudavam-se somente quando havia escassez de alimentos que fazia com que fossem para outros lugares. Pinheiro diz ainda que segundo alguns técnicos no assunto, provavelmente os grupos espalhavam cascas de ostras no chão ao redor do perímetro do acampamento talvez com a idéia de se promover a defesa do grupo, pois ao pisar em uma casca de ostra, tanto recente quanto petrificada, os pés são cortados e vai emitir o som da casca rompendo avisando que alguém está entrando no local, o que é uma forma de defesa.

Finalizando nossa visita observamos outro sepultamento que talvez seja o mais importante do museu. São dois indivíduos: uma criança com aproximadamente oito anos de idade – concluem essa idade, pois ainda apresenta um dente de leite – e o outro indivíduo que tem cerca vinte e cinco anos de idade. Acredita-se que seja uma mulher pois os ossos da bacia são bastante largos. A posição desses corpos é a mesma da ossada vista anteriormente. Esse sepultamento foi realizado há cerca de 2800 anos.

---

<sup>8</sup> Pois trata-se de acervo do museu.

Saindo do Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba e nos despedindo de nosso narrador Jorge Pinheiro, nos deparamos com outro museu que possui a preocupação de preservar, valorizar e disseminar a história e a memória da presença indígena na região da Costa do Sol. Chegamos ao Museu de Arqueologia de Araruama e fomos conduzidos pela funcionária Simone Beraba Cordeiro a qual relatou que o museu é recente, foi fundado em 19 de abril de 2006. Está situado em uma casa colonial, uma fazenda de café fundada em 1862 que funcionava com o intuito de encobrir o comércio e tráfico de escravos negros que estava proibido desde o ano de 1850.

A fazenda foi fundada por um português que imigrou para o Brasil chamado Francisco Pereira da Costa Vieira que, segundo relata a narradora desse museu, teria se apaixonado por uma brasileira, acreditando-se ser uma mulher que vivia na região.

O museu possui uma dupla vertente histórica, apresentando de um lado a história e a influência da plantação e do comércio de café na região, do tráfico de escravos e, do índice populacional, mostrando como era e como funcionava uma fazenda colonial; e, de outro lado, apresenta um pouco a história dos povos indígenas que viviam na região, que, segundo informações contidas nas exposições do museu e ratificadas pela funcionária Denise Cordeiro, eram três os grupos indígenas que viviam na região: os Sambaqui (Saquarema), os Goitacá (Campos) e Tupinambá (Araruama).

O museu é visitado por pessoas que passam pela estrada e querem conhecer a história do Casarão. No entanto, existem também algumas pessoas – sobretudo alunos de Universidades – que fazem a visita para conhecer especificamente a arqueologia e a história do grupo Tupinambá, que posteriormente, desapareceu do cenário da cidade.

A visita se inicia no segundo pavimento onde está situado o quarto do dono da fazenda, o quarto de sua filha e o quarto de banho. Neste percurso é possível observar no interior do museu pinturas originais da casa que, no entanto, não estão assinadas. No primeiro pavimento pudemos conhecer um pouco mais a arqueologia dos grupos indígenas que habitavam a região. É importante destacar que não existem objetos expostos e sim quadros explicativos, com fotos dos objetos encontrados nas escavações

realizadas visando reconstruir e conhecer a memória e a história da região através dos vestígios deixados pelos grupos que a habitavam e, assim, conhecer um pouco mais a própria história do país e dos grupos indígenas que habitavam o litoral fluminense, em um movimento contemporâneo que busca a memória perdida de povos que desapareceram ao longo dos séculos.

A prefeitura de Araruama investiu no museu. Toda a área foi adquirida pelo Governo Municipal que instalou o complexo Cultural e Educacional Leonel de Moura Brizola composto por uma unidade de ensino de tempo integral, que possui cerca de 270 alunos do pré-escolar ao 9º ano do Ensino Fundamental I, uma capela e o museu que funciona no casarão. No ambiente onde era o salão de baile, funciona atualmente como uma sala de informática adaptada com o apoio da Prefeitura. É um Projeto de Turismo Cultural que não termina no museu, continua em Morro Grande no 2º Distrito como área de pesquisa arqueológica. Na Escola Municipal Honorino Coutinho foi construída uma oca Tupinambá, réplica de uma oca indígena, aliás, o Estudo da Cultura Tupinambá foi inserido na Grade Curricular da escola, tornando-se obrigatório.

Saindo da Costa do Sol, que valoriza uma memória e uma história local, percorremos a estrada a região Norte Fluminense, mais especificamente a cidade de Campos dos Goytacazes, onde encontramos nosso terceiro e último narrador Carlos Roberto Bastos Freitas que contextualizou toda a história contada anteriormente, destacando a importância das estradas que uniam as cidades do litoral fluminense, área que ocupava o território que hoje está dividido em diversos municípios, mas, na época, se estendia de Cabo Frio à Macaé.

Nosso narrador inicia sua fala contando a história do Solar do Colégio, que possui uma origem colonial em sua denominação, tendo em vista que pertencia ao <sup>9</sup>Colégio dos Jesuítas. Essa fazenda era uma das grandes produtoras de gado e alimentos (arroz, feijão, milho, farinha, açúcar e aguardente) das que pertenciam ao Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro, sendo uma de suas propriedades na Província do Rio de

---

<sup>9</sup> Tais problemas não foram elucidados por Carlos Roberto.

Janeiro. Eles possuíam propriedades em diversas outras províncias, mas essa era uma das maiores fazendas, comparada principalmente a Fazenda Santa Cruz.

Nessa região, construíram um pequeno aldeamento dos índios remanescentes, que, possivelmente, ficavam na área de Goytacazes - daí o nome do distrito. Além dos grupos indígenas, possuíam também uma escravaria africana muito forte para o trabalho. A característica primordial dessa fazenda, de acordo com os relatos, é que os escravos negros e os indígenas não sofriam um sistema de vigilância muito forte, por conta da maneira como eram tratados e também pelas facilidades que eram dadas para a manutenção deles. Esses grupos acabavam muitas vezes constituindo famílias, sendo raros os registros de casos de escravos fugitivos<sup>10</sup>. Depois que os jesuítas foram expulsos do Brasil, a fazenda foi comprada por Joaquim Vicente dos Reis, no entanto, ele possuía apenas filhas mulheres, o que acarretou na predominância da família Barroso que ficou na região até a desapropriação do edifício nos anos 70.

O destaque dado por Carlos Roberto com relação à história da fazenda se dá no momento em que afirma que tal propriedade não foi adquirida visando a evangelização dos povos indígenas que a habitavam e sim, para conceder suporte financeiro às Campanhas da Ordem Jesuíta, sendo uma fazenda de produção que assim como a Fazenda Santa Cruz, tinha a função de ser um suporte econômico para a manutenção de outras atividades de evangelização. A produção era realizada em larga escala e seus produtos deveriam ser usados tanto pelos jesuítas em suas fazendas como também comercializadas. Neste momento, Carlos Roberto apresenta uma importante questão: como esse material era escoado? Responde afirmando que existem algumas possibilidades: a primeira delas se refere ao uso do transporte fluvial, tanto através do Rio Paraíba, como pelos canais da Lagoa Feia indo até o outro lado da lagoa que é Quissamã e dali seguindo para Macaé. Existia também o caminho da estrada geral que era à beira mar, caminho que o gado seguia através da costa até o Rio de Janeiro.

De acordo com Carlos Roberto, esse edifício pertence atualmente ao Governo do Estado, mas está sob a guarda da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) e

---

<sup>10</sup> Esta é uma informação que deve ser ponderada e melhor aprofundada, analisando os documentos e registros referentes a história do Solar do Colégio.

cedido para a prefeitura para abrigar o Arquivo Público Municipal. Antes desse fato foi iniciado um projeto que visava utilizar o edifício como sede da Escola Nacional de Cinema, que não foi à frente por uma série de problemas ocorridos na época. Deste modo, o prédio permaneceu fechado sem ser finalizada a restauração na metade da década de 90. Em 2001, quando surgiu a possibilidade de se implantar o arquivo público a restauração foi finalizada sendo realizadas algumas adaptações para que o prédio pudesse funcionar com tal finalidade.

Nosso “guia” da história Norte Fluminense afirma que trabalhar com a questão da memória local é fundamental, afirmando que o Arquivo Público de Campos pode ser considerado um “lugar de memória” referindo-se a Pierre Nora<sup>11</sup>. Acredita que com a criação do arquivo e por meio de pesquisas que estão em andamento, poderá ser escrita com mais detalhes a história da região, seu processo de ocupação, suas atividades econômicas e os ciclos que foram marcantes e característicos.

Deste modo, essas pesquisas serão de grande valia para esse processo de (re)escrita da história como alguns historiadores estão chamando esse processo de ressignificação e valorização da memória e da história indígena no Brasil.

## Considerações Finais

“A experiência de campo é talvez o aspecto mais marcante e definidor da pesquisa etnográfica que se desenvolveu no âmbito da antropologia. Dirigir-se a um lugar, ficar, deter-se ali, construir uma vida, mesmo que provisoriamente, entre aqueles sobre quem se vai escrever, cultivar um dia-a-dia com eles, participar em parte do que se observa e se quer elucidar, têm sido atividades inseparáveis do empreendimento etnográfico.” (CAIAFA, 2007, p. 148)

---

<sup>11</sup> NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

Contemporaneamente, os museus constituem instrumentos de transformação social e desenvolvimento, por sua atuação de preservação da memória e difusão da cultura (local, nacional e universal), e também por suas múltiplas interfaces no âmbito da sociedade. Particularmente no Estado do Rio de Janeiro, é crescente a potencialidade dos museus como estratégias econômicas, políticas e sociais de desenvolvimento e auto-sustentabilidade.

Com o complexo processo de mudanças na sociedade contemporânea, várias questões relativas às “memórias subterrâneas” precisam ser analisadas – particularmente, as indígenas. As memórias subterrâneas conquistaram mais espaço no cenário nacional e como afirma Michael Pollak (1992, p.03), “... uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa de memória...”

Este trabalho faz com que possamos vivenciar a experiência do viajante que percorre as cidades. Entendo que a experiência do trabalho de campo, e, principalmente, de atuar na metodologia da etnografia dos percursos é enriquecedora. Encontramos nessa experiência, uma multiplicidade de informações e identidades das cidades e dos percursos visitados que contam um pouco a história do estado do Rio de Janeiro.

## Referências

- ABREU, Regina. **Cartografando o Rio de Janeiro e seus museus:** notas sobre a etnografia dos percursos. 2009(*mimeo*)
- BENJAMIN, Walter. **O Narrador:** Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: Magia e Técnica, Arte e Política.* Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993

CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades: ensaios e etnografias.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

FONSECA Jr, Eduardo. **Sambaquis e quilombos nas terras fluminenses.** 1.ed. Rio das Ostras: Gráfica e Policromia Iriry, 2004.

GOMES, Alexandre Oliveira e NETO, João Paulo Vieira. **Museus e Memória Indígena no Ceará: A emergência étnica entre lembranças e esquecimentos.** In: PALITOT, Estêvão Martins (org.) *Na mata do sabiá: Contribuições sobre a presença indígena no Ceará.* 1.ed. Fortaleza: Secult/Museu do Ceará/IMOPEC, 2009.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Os Museus e a Cidade.** In: ABREU, R. & CHAGAS, M. (org.) *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos.* 1.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LIMA, Maria da Glória d'Almeida. **Pérola entre o rio e o mar : História de Rio das Ostras.** 3.ed. Rio das Ostras: Poema, 1998.

POLLAK, M. “Memória, Esquecimento, Silêncio” In: *Estudos Históricos.* Rio de Janeiro: FGV, 1992. Disponível em: < <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2009.

TRINDADE, Denise Chamum. **Arqueologia e Memória: O caso da musealização do Sambaqui da Tarioba.** 3.ed. Rio das Ostras: Fundação Rio das Ostras de Cultura: Gráfica Iriri, 2004.

### Áudiovisual:

**Acervo do Projeto Memória, Cultura, Transformação Social e Desenvolvimento: Panorama Museal do Estado do Rio de Janeiro.**

**Baixadas Litorâneas:** Fita 4A – Costa do Sol; Fita 4B – Costa do Sol; Fita 4C- Costa do Sol; Fita 4D – Costa do Sol

**Norte Fluminense:** Fita 2A – Norte Fluminense; Fita 2B – Norte Fluminense.